

Homenagem a Joaquim Costa

Recuar no tempo para trazer um pouco da relação com o Joaquim, em contexto universitário, tem a marca da amizade e, por isso, o compasso muito subjetivo que lhe é próprio. Contudo, algumas das impressões pessoais que vou partilhar convosco são, porventura, reconhecidas por vários dos colegas, estudantes e técnicos da comunidade do ICS, aqui presentes.

A primeira imagem que me vem do passado, há cerca de 30 anos, é o Joaquim por detrás dos óculos de consistente massa negra. Junta-se-lhe a voz, uma voz grave e bonita (ontem como hoje!) Com o despontar da Primavera, chega de bicicleta retro. No Verão, não dispensa um acessório que lhe é fundamental: o chapéu de aba larga. Independentemente da estação, apresenta-se com uma pasta de couro usado, onde (supõe-se) transporta cuidadosamente o que do ofício de sociólogo mais lhe importa: livros, papel e caneta.

Só mais tarde nos apercebemos da sua desobediência à normatividade sociológica. O que não quer dizer que tal viesse a indiciar qualquer desejo de desobedecer por dentro das relações instituídas. O desvio teve outros contornos. Um dos seus primeiros artigos, datado de 1994 e publicado nos Cadernos do Noroeste, já o assinalava. O título era: “Aos amores (uma des-sociologia do amor”. E à entrada lia-se:

Literatura e Sociologia? Literatura ou Sociologia? São estas as interrogações de um sociólogo com devaneios pela literatura e que a ela recorre (...). Aquilino, Borges, Joyce, Proust, Shakespeare e outros são chamados à questão: qual delas compreende o amor?

[fim de citação]

E assim foi o Joaquim consistentemente desnortheastando-se. Sabemos que fez a deriva da escrita sociológica para a literatura e nesta para a poesia, por vezes, disruptiva. São seus os livros seguintes: *Poesia da vida e da morte* (2024); *Poesia venérea e económica* (2020); e *Delirium Litterarium* (2017).

Na Universidade, padecia, pois, de uma certa náusea (no sentido de Sartre) ou, pelo menos, vivenciou um acertado tédio quanto a uma sociologia mais técnica. O Joaquim desgostava da economia científica e, portanto, da Universidade como mercado.

Recuando a um tempo sem IA e, para mais, sem NTI (quando muitos alunos tiravam apontamentos das aulas e alguns os copiavam de uns quantos), o sentido de humor não lhe faltou. Nunca esquecerei aquela da “Pulverização do campo lesionado”! Frase que num teste do Professor Joaquim Costa de “Classes Sociais e Estratificação,” vários alunos escreveram para seu espanto e riso nosso. Tratava-se, afinal, da “Proletarização do Campesinato”!

Hoje, importa, a meu ver, festejarmos com o Joaquim o que é, porventura, o duplo destino que na vida universitária traçou:

- foi por cumprir com grande sentido de responsabilidade a des-sociologia que o professor-escritor Joaquim Costa pode hoje dedicar-se inteiramente à literatura;

- não tendo estado apaixonado pelo ensino da sociologia, foi, contudo, ao ensinar que se apaixonou!

Teresa Mora

Braga, 10 de novembro, 2025